

Em preto-e-branco e em cores: efeitos metafóricos em manchetes sobre a eleição de Barack Obama nos EUA

In black and white and in colour: metaphorical effects in headlines on Barack Obama's election in the U.S.A.

Eriplane Rodrigues RIBEIRO*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS/CAMPUS CATALÃO (UFG/BRASIL)

RESUMO

Neste artigo, analisamos algumas manchetes sobre as últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos da América, procurando realçar sua vinculação ao que é do domínio da história, da memória e da ideologia. Defendemos, com base na Análise do Discurso de linha francesa (AD), a tese de que as manchetes analisadas deixam entrever, pela referência recorrente a diversas cores, o que Pêcheux (1993) denomina efeitos metafóricos. A constituição desses efeitos metafóricos se dá no interior de uma rede interdiscursiva, motivada pelo acontecimento decorrente do fato de um negro concorrer ao cargo de presidente dos EUA.

*Sobre a autora ver página 124

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. História. Efeito metafórico. Manchetes. Eleições.

ABSTRACT

In this article, we analyze some headlines on the last presidential elections in the United States, seeking to highlight its ties to what is the domain of history, memory and ideology. We show how the Analysis of the Discourse of French line (AD) designs the language and its relation to reality, emphasizing the notion of metaphorical effect. We support the thesis that the analyzed headlines have shown, through the applicant reference to various colors, which Pêcheux (1993) called metaphorical purposes. The formation of these metaphorical effects occurs within a discourse network, motivated by the event due to the fact a black man competing for the post of U.S.

KEYWORDS: *Discourse. History. Metaphorical effect. Headlines. Elections.*

1 Introdução

Mattoso Câmara (1956), Trask (2004) e Ducrot e Todorov (1973) destacam a importância da metáfora na construção do texto literário. O primeiro afirma que ela “é essencial na poesia”, o segundo que “o uso literário da metáfora é antigo e bem estudado”, o terceiro sustenta que “desde a Idade Média [...] há uma tendência para ver entre linguagem poética e linguagem figurada uma implicação mútua”. Além de atribuírem um papel fundamental ao uso da metáfora na Literatura, reconhecem ser ela essencial na linguagem comum do dia-a-dia. Seja por intermédio das palavras de Mattoso Câmara (1956, p. 1956), para quem a metáfora é “um recurso corrente na linguagem”, seja pela afirmação de Trask (2004, p. 190), segundo a qual a metáfora é “de fato, um lugar comum na fala e escrita correntes” ou via protesto de Durmasai - lembrado por Ducrot e Todorov (1973, p. 35) - que defendia que “a linguagem popular contém tantas, se não mais, figuras que nenhuma outra”, vemos firmar-se a tese de que o uso da metáfora não se restringe à obra literária.

Também Aristóteles atribuiu à metáfora funções distintas, decorrentes de sua forte ligação com as disciplinas Poética e Retórica. Assim, sob o ponto de vista desse filósofo, enquanto para a Poética a metáfora tinha como papel precípuo embelezar, adornar, para a Retórica era tida como um recurso linguístico importante para a eficácia persuasiva do discurso.

Neste artigo, temos o propósito de analisar um conjunto de manchetes (publicado em *sites da internet*) - cujo tema são as eleições presidenciais de 2008 nos Estados Unidos da América - , que deixa entrever, em sua matéria signficante, pela referência feita a diversas cores, o que Pêcheux (1993) denomina efeitos metafóricos. A constituição desses “deslizamentos de sentidos” se dá no interior de uma rede interdiscursiva, motivada pelo acontecimento decorrente do fato de um negro concorrer ao cargo de presidente dos EUA. Esse acontecimento filia-se, pelo espaço da memória discursiva, a outros acontecimentos, em especial àqueles registrados em capítulos inscritos na história sobre o lugar do negro na sociedade. A troca de palavras marcadas por palavras não marcadas ideologicamente pode produzir a diminuição dos preconceitos.

Nosso texto está organizado em três seções. Na primeira, desenvolvemos a base teórica do estudo, demonstrando como a Análise do Discurso de linha francesa (AD) concebe a linguagem e sua relação com a realidade, dando destaque à noção de efeito metafórico. Na segunda, realizamos algumas considerações, questionando a validade do que tem sido denominado “linguagem politicamente correta”; a seguir, realizamos as análises dos “dados”, manchetes relacionadas à candidatura de Barack Obama a presidente dos EUA - em que aparecem palavras indicativas de cores - e as condições em que foram produzidas, procurando realçar a vinculação delas ao que é da ordem da história, da memória e da ideologia. Por último, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 Sobre a noção de efeito metafórico

É comum ouvirmos as pessoas perguntarem “qual é o sentido da palavra X, Y, Z?”. Essa pergunta está diretamente vinculada a uma concepção de linguagem segundo a qual existe a possibilidade de se estabelecer uma relação unívoca entre linguagem e mundo, como se não existisse nenhuma mediação entre uma e o outro. Tal concepção joga com a ilusão da transparência da linguagem, a qual permitiria aos sujeitos o acesso direto e irrestrito aos sentidos.

Contrariando essa visão, a Análise do Discurso de linha francesa (AD), baseada nos estudos de seu maior expoente, Michel Pêcheux, propõe outra forma de interpretar a relação entre a linguagem e o real e, em consequência, uma nova abordagem para a questão do sentido. Para a AD, a linguagem não serve apenas como um instrumento de comunicação nem funciona tão somente como expressão de pensamento, é uma forma de interação, o que impede o cerceamento na esfera da produção de sentidos, tornando impossível sua desvinculação de processos discursivos concernentes ao social, à memória e à história. Conforme afirmam Pêcheux e Fuchs (1975, p. 144), “o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidas (isto é, reproduzidas)”, ou nas palavras de Orlandi (1996, p. 9), “[...] os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser”.

Desse modo, a linguagem é vista pela AD como não transparente, opaca, o que se deve ao fato de que uma das propriedades da língua é ser afetada pelo equívoco, o que significa que, nela, há a possibilidade premente de falha, da ruptura, em qualquer ponto de sua cadeia significante. E onde há falha, ruptura, encontra espaço o que não é literal. Como afirmam Pêcheux e Gadet (2004, p. 55), devido ao equívoco que a afeta, em toda língua um segmento pode ser “ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras, e do bom relacionamento entre os efeitos discursivos”.

Desse modo, no interior desse quadro teórico, a metáfora assume um papel bastante relevante, o qual deve ser investigado a partir de um dispositivo teórico-analítico que leve em conta o seu aparecimento naqueles pontos em que a língua falha, pois nesses espaços também se pode entrever o que é da ordem do político, do simbólico e do ideológico.

Pêcheux (1993) trabalha a noção de efeito metafórico dizendo tratar-se de um

fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y ; esse efeito é característico dos sistemas lingüísticos “naturais”, por oposição aos códigos e “as línguas artificiais”, em que o sentido é fixado. [...] (PÊCHEUX, 1993, p. 96).

Em outras palavras, o efeito metafórico ocorre quando dois elementos podem ser substituídos contextualmente um pelo outro, ocasionando o que Pêcheux (1993) chama de “deslizamento de sentido”. Para esse autor, o sentido existe apenas nas relações de metáfora, pois, em sua opinião, sempre há a possibilidade de transferência de sentido de uma palavra, uma expressão, ou uma proposição para outra palavra, outra expressão, outra proposição, reforçando a tese de que não há sentido literal, que os sentidos não se encontram evidentes na materialidade da língua. Segundo Pêcheux (1997):

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, ao deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

Se o sentido se conjuga no plural, já que qualquer enunciado, independentemente de sua dimensão, tem em si a virtualidade de se tornar um outro, coloca-se em xeque o que se costuma chamar de sentido literal e assume uma importância central, sob essa perspectiva,

a manifestação da ideologia nos discursos, os quais, por sua vez, se materializam na língua em forma de textos.

Para sintetizar, para a AD, a metáfora não se reduz a uma figura de linguagem cuja função é promover um desvio do uso comum de uma palavra ou comparar implicitamente um termo X com um termo Y com base num elemento em comum, caracteriza-se pela tomada de um elemento por outro, em que a transferência é um recurso que estabelece um deslocamento por meio do qual as palavras significam.

3 Sobre a linguagem politicamente correta

Por decisão do Presidente da República, [Luiz Inácio Lula da Silva](#), foi suspensa, em 2005, a distribuição da Cartilha do Politicamente Correto. A cartilha havia sido elaborada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos com o propósito de banir o uso de palavras consideradas ofensivas. Segundo os que defendiam a cartilha, seu objetivo era evitar a circulação de termos considerados discriminatórios contra negros, portadores de deficiência física, mulheres, homossexuais, dentre outros grupos sociais. Termos como negro, preto, crioulo, denegrir e mulato figuravam entre as palavras proibidas. Determinante para que o Governo decidisse suspender a distribuição da Cartilha foram as inúmeras críticas feitas a tal iniciativa. Dentre elas, destacamos a de estudiosos da linguagem e escritores renomados, como João Ubaldo Ribeiro, que chegou a questionar se a cartilha não seria o primeiro passo para instituir uma nova língua no Brasil.

Quem defende a linguagem politicamente correta o faz porque assim como concebem a existência de palavras por si mesmas pejorativas, acreditam existirem signos neutros ou objetivos, o que não corresponde à realidade, pois, como esclarece Bakhtin (1995), os signos, todos eles, são marcados pela ideologia. Como diz o autor:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista

específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) (BAKHTIN, 1995, p. 32).

Em artigo publicado na revista eletrônica *Linguasagem*, Fiorin (s/d) dá uma excelente explicação do que vem a ser a linguagem politicamente correta, razão pela qual a reproduzimos aqui. Segundo o autor,

A linguagem politicamente correta é a expressão do aparecimento na cena pública de identidades que eram reprimidas e recalçadas: mulheres, negros, homossexuais, etc. Revela ela a força dessas ‘minorias’, que eram discriminadas, ridicularizadas, desconsideradas. Pretende-se, com ela, combater o preconceito, proscrevendo-se um vocabulário que é fortemente negativo em relação a esses grupos sociais. A idéia é que, alterando-se a linguagem, mudam-se as atitudes discriminatórias (FIORIN, s/d, p. 1).

Mesmo reconhecendo que a defesa da linguagem politicamente correta tem um argumento forte a seu favor, o de poder ser um instrumento importante em favor das minorias, não podemos negar que apenas coibir o uso de palavras que podem apresentar conotações pejorativas não é suficiente para evitar o preconceito. Se os sentidos, conforme defende a AD, não estão colados às palavras, se os efeitos de sentido produzidos pelas palavras, segundo essa teoria da interpretação, decorrem dos discursos em que elas circulam, também as conotações pejorativas não estão nas palavras, mas em certos discursos em que elas aparecem.

Sob essa perspectiva, mais do que significar a garantia de neutralidade, recorrer a eufemismos e a termos politicamente corretos, evitar o uso de palavras tidas como “politicamente incorretas”, enfim, escolher, sempre, com muito cuidado as palavras para designar certos grupos sociais acaba sendo mais um sintoma da existência de preconceitos muito arraigados nas práticas sociais.

4 A emblemática presença do preto, do branco e de outras cores em manchetes sobre a eleição presidencial dos EUA

Em 2004, Barack Obama conquistou uma vaga no Senado dos EUA, entrando para a história americana como o terceiro senador negro após a Reconstrução; em 2007, lançou sua pré-candidatura à presidência do país, vencendo Hillary Clinton nas prévias do Partido Democrata em junho de 2008, tornando-se o primeiro candidato negro com chances de se tornar presidente do país. No dia 04 de novembro de 2008, foi eleito o novo presidente da Casa Branca, vencendo o seu oponente, o republicano John McCain.

Desde o momento em que lançou seu nome como candidato às prévias do Partido Democrata, nos Estados Unidos e em outros países teve início um incessante trabalho com esse novo acontecimento, o qual, na concepção de Pêcheux (1997, p. 19), diz respeito ao fato novo, às cifras, às primeiras declarações, “... em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar...”. Conforme ressalta Sargentini (2006),

O “acontecimento discursivo” é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado. O acontecimento não é o fato como contado por um poder, nem por um historiador e nem se confunde com a notícia; ele se dá nesse entrecruzamento (SARGENTINI, 2006, p. 41).

Especialmente os meios de comunicação de massa fizeram circular uma série de comentários que retomavam, repetiam, renovavam, reconstruíam, no espaço cedido pela memória, sentidos já ditos, já lá, relacionados à questão do preconceito que opõe, pela cor, duas raças, a negra e a branca. Com base nessa constatação, nesse texto, temos por objetivo analisar um conjunto de manchetes relativas a esse acontecimento em que se observam efeitos metafóricos nascidos de uma ordem do discurso que possui certa sistematicidade, mas que também, sujeita a falhas que é, submete-se à experiência com o que é real.

Inicialmente, vejamos quatro manchetes em que o efeito metafórico é construído pela transferência de sentidos com o uso das palavras preto/negro e branco, frequentemente citadas em textos sobre a corrida presidencial americana.

Lendo, na íntegra, o texto que se inicia com a manchete “Negro e branco, brilhante e flexível, Obama revitaliza King” podemos fazer uma interpretação segundo a qual Obama é chamado de branco e negro, tanto por ser filho de pai queniano e de mãe branca, como também porque agregaria, em decorrência disso, qualidades advindas de seu pertencimento às duas raças, o que, em tese, poderia ajudá-lo a receber o apoio de ambas nas eleições. A presença dos adjetivos “brilhante” e “flexível” e do verbo “revitaliza” na frase reforça a interpretação de que branco e negro adquirem, nesse caso, valores igualmente positivos.

A segunda manchete, “*Não me prendo em preto-e-branco*”, repete o enunciado de uma frase que teria sido dita pelo músico americano Ben Harper - quando esteve no Brasil em janeiro de 2007 - ao ser questionado sobre a possibilidade de Barack Obama vir a ser candidato à presidência dos EUA. A frase aparece no seguinte contexto “Minha cor era marrom, agora, com as tatuagens, virou uma grande mistura. Não me prendo em preto-e-branco. Para mim, essa é a maior fraqueza humana. Fazer julgamentos pela cor de uma pessoa”.

O texto que traz a manchete “O cinza de Obama” consiste em um comentário sobre um discurso feito por Barack Obama em que ele teria realçado as nuances envolvidas em questões complexas como é a do preconceito social. Questiona-se uma visão dualista, em que se vê apenas a oposição entre o preto e o branco, como se não houvesse uma cartela de tonalidades possível entre um e outro. O cinza pode ser interpretado aqui com o sentido de junção do preto com o branco: o branco clareando o negro, o negro tornando mais escuro o branco. Com essa interpretação, Barack Obama seria tido como resultado da miscigenação entre negros e brancos, ou como alguém que representa uns e outros.

A manchete “*Preto, branco e bege*” faz parte de um texto em que é denominado “bege” o eleitorado formado pelos jovens entre dezoito e dezenove anos, intitulados pelo analista de pesquisas John Zogby “os primeiros globais”, por pertencerem à primeira geração que cresceu conectada à *internet* e que, em decorrência disso, está mais atenta com o que ocorre em todo o globo. Assim, neste texto, os americanos mais conservadores são representados pelo branco de McCain, os mais liberais pelo preto de Obama e os mais jovens são simbolizados pela cor bege, a qual situa-se numa zona intermediária e pode ser vista como livre de todo e qualquer radicalismo.

Além desses enunciados, em que as palavras preto, negro, branco, bege e cinza são ressignificados, há outros que, em sua constituição, operam com as cores azul, vermelho e roxo. As duas primeiras foram utilizadas com frequência, durante todo o processo eleitoral, como símbolos dos partidos Democrata e Republicano respectivamente.

A manchete “*Na Flórida, Obama critica divisão dos EUA ‘azul’ e ‘vermelho’*” introduz o assunto do texto em questão, a saber o descontentamento de Obama com a divisão do país entre republicanos (tradicionalmente conhecidos pela cor vermelha), que apoiavam majoritariamente John McCain, e democratas (representados pela cor azul), que davam preferência a ele próprio.

Com base na constituição de sentido explicitada acima, na manchete “*Nos EUA, é azul no vermelho*”, em vez de azul, pode-se ler Barack Obama, em vez de vermelho, John McCain. Se é “azul no vermelho”, isso significaria que o veículo que publicou o texto apostava na vitória de Obama e na derrota de McCain.

A manchete “*Tudo azul para Obama*”, além de jogar com o sentido já cristalizado “tudo azul”, empregado quando se quer dizer que está tudo bem, faz parte de um texto cujo objetivo é divulgar a informação de que, na Carolina do Sul, o candidato às prévias do Partido Democrata (identificado pela cor azul), Barack Obama, vinha levando grande vantagem sobre seus concorrentes, Hillary Clinton e John Edwards.

“*Roxo é a cor da decisão eleitoral americana*” é o título de um texto que trata da indecisão de boa parte dos estados americanos que tanto podiam optar pelo candidato republicano (vermelho) como pelo democrata (azul). Como se sabe, da mistura entre as cores primárias vermelho e azul tem-se o roxo, aqui, metáfora para indefinição.

Diferentemente dos casos acima, em que a palavra vermelho representa o partido Republicano, na manchete “*Obama, o vermelho?*”, a palavra é vinculada a Obama pelo candidato John McCain que considera o primeiro “mais de esquerda do que o único senador declaradamente socialista dos EUA”. Na verdade, historicamente, o vermelho tem sido frequentemente associado ao Socialismo e ao Comunismo, o que nos leva a ver o peso da afirmação de McCain contra Obama, já que os EUA são o país considerado símbolo do Capitalismo no mundo.

Além das cores preto, negro, branco, bege, cinza, vermelho, azul e roxo, outra cor que se fez presente em manchetes sobre a eleição presidencial americana foi o verde. Além de ter sido qualificado de preto, negro, branco, cinza e vermelho, Barack Obama foi chamado também de verde. Com a manchete “*Obama ‘verde’*”, inicia-se um texto em que se destaca a promessa de Obama com relação à mudança de postura dos EUA que, nos últimos anos, têm sido severamente criticados por serem refratários às questões ambientais.

Em outra manchete em que se usa o vocábulo “verde”, “*O time verde de Obama*”, o texto informa aos leitores que o presidente eleito Barack Obama escalou assessores altamente qualificados para cuidar das pastas de Energia, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas, revelando, desse modo, seu compromisso com a minimização dos problemas ambientais.

Além das manchetes analisadas acima, no *corpus* que levantamos há outras duas, as quais nos pareceram bastante inusitadas, talvez porque os efeitos metafóricos se realizam em enunciados que não se inserem no campo da política, como é o caso dos anteriores, mas nos domínios do esporte e da moda.

O fato de, na posse, Obama estar vestido de terno preto, camisa branca e gravata vermelha levou à produção de um texto que traz como

manchete “*Eô, Eô, Obama é Tricolor!!!*”. Isso ocorreu em razão de o São Paulo Futebol Clube, famoso time de futebol do Brasil, adotar as cores preto, branco e vermelho, sendo, por isso, denominado Tricolor.

Durante a realização do São Paulo Fashion Week de 2009, o segurança brasileiro Cleonilto da Silva chamou a atenção por sua semelhança com o presidente americano Barack Obama, o que rendeu um texto sob a manchete “*Obama verde-amarelo*” em que se juntam o nome do presidente americano ao verde-amarelo que simboliza o Brasil. De novo, são dois sentidos sob uma mesma cadeia significativa, um que diz que Obama é negro e outro que diz que ele não é, porque seria verde-amarelo.

5 Considerações finais

Como lembra Possenti (2006, p. 96), ao acontecimento do presente, ligam-se outros acontecimentos a que o primeiro se filia. Isso ocorre, segundo o autor, com o agenciamento de uma “memória discursiva”, a qual sustenta e torna possível o sentido do que se diz no presente pelo que já foi dito no passado. Nas palavras de Pêcheux (1999), a memória discursiva

seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao projeto legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Como afirmamos anteriormente, em razão de, pela primeira vez na história, haver a possibilidade de um candidato negro (o que veio a se confirmar mais tarde) tornar-se presidente do país mais poderoso do mundo, mobilizou-se, a partir do acontecimento novo, às vezes de maneira velada, outras de modo mais explícito, via memória discursiva, uma série de outros acontecimentos. Na primeira manchete analisada,

por exemplo, articula-se a figura de King - pastor que se tornou ícone na defesa dos direitos dos negros depois de defender a causa dos descendentes de escravos africanos que viviam no sul dos Estados Unidos -, ao então candidato Obama. Sem dúvida nenhuma, a remissão feita a King e, conseqüentemente, ao que ele representa para os EUA, colabora para a construção de certos efeitos de sentidos no momento em que se lê a manchete.

Os efeitos de sentido construídos a partir de um acontecimento discursivo podem tanto aproximar o que é atual do que é concernente aos espaços de memória com que se articula, como também podem promover seu distanciamento. Nas manchetes “Negro e branco, brilhante e flexível, Obama revitaliza King”, “O cinza de Obama”, “Obama, o vermelho?”, “Obama ‘verde’”, “Eó, Eó, Obama é Tricolor!!”, “Obama verde-amarelo” nega-se a cor de Barack Obama. Nessas manchetes, em nenhum momento, a referência a Obama se deu pelo emprego, único e exclusivo, dos vocábulos “negro” ou “preto”. Ele é chamado de “preto-e-branco”, “negro e branco”, “cinza”, “vermelho”, “verde”, “tricolor”, “verde-amarelo”, menos de negro. Por que isso ocorre? Não seria porque, no domínio da memória, na rede de sentidos tecida pelo interdiscurso, tem raízes profundas a maneira preconceituosa com que a raça negra tem sido tratada na e pela história? Mas se se evita usar termos como “negro” e “preto”, é porque se considera ser negro um defeito. Apesar da aparente boa intenção, o uso da linguagem politicamente correta, na verdade, talvez só contribua para acentuar o preconceito.

Nesses casos, o que se observa é a presença de um discurso no Outro, ou seja, sob a ilusão da aparente unicidade, encontra-se uma dispersão de sentidos. Se percebidas como elementos de um arquivo, as manchetes acima formam uma rede de filiação de sentidos, a qual, além de remeter, sempre e inequivocadamente, a discursos Outros sobre a questão do preconceito contra os negros, aponta, ainda, para outros discursos cuja relação com as manchetes seria mais difícil de prever, mas que funciona, porque continuam a ser produzidos “deslizamentos de sentido”. Por essa via, podem ser pensadas as manchetes “Obama,

o vermelho?”, “Obama ‘verde’”, “O time verde de Obama”, “Eô, Eô, Obama é Tricolor!!!”, “Obama verde-amarelo”. Nessas cinco manchetes, novamente Barack Obama não é qualificado ou lembrado pelo uso de palavras como “preto” ou “negro”. Em “Obama, o vermelho?”, recupera-se, para o vocábulo “vermelho”, o efeito de sentido “socialista”, “comunista” etc.; em “Obama ‘verde’” e “O time verde de Obama”, relacionam-se as eleições presidenciais dos EUA à necessidade da participação efetiva dos americanos na preservação do meio ambiente; em “Eô, Eô, Obama é Tricolor!!!” e “Obama verde-amarelo”, articulam-se discursos que participam de campos distintos, o da política e do esporte, na primeira manchete, e o da política e o da moda na segunda.

Para a constituição e a formulação dos sentidos, operam tanto o interdiscurso, em que o que se observa é a presença de um discurso no Outro, como acabamos de ver, como também o intradiscurso, quando o que está em questão é o processo de formulação do dizer. Todos os enunciados aqui analisados deixam entrever o que é específico do intradiscurso. Os sujeitos, enquanto autores, deixam pistas, marcas linguísticas, tanto quando usam reiteradamente as cores, como quando utilizam as aspas, duplas ou simples, para circunscrever o espaço delas, como ocorre nas manchetes: “Na Flórida, Obama critica divisão dos EUA ‘azul’ e ‘vermelho’; “Obama ‘verde’”, as quais funcionam, inclusive, como um recurso para atrair a atenção do leitor para a matéria.

No texto que por ora encerramos, procuramos mostrar que a candidatura de um negro à cadeira de presidente americano levou à retomada, à reconstituição, à produção de sentidos que, de uma forma ou de outra, acabaram por confrontar-se com a questão do preconceito racial sobre os negros.

É importante enfatizar que as manchetes que constituíram nosso *corpus*, cujo espaço privilegiado de circulação é a esfera jornalística, costumam oferecer condições muito propícias às imbricações sócio-ideológicas em sua materialidade linguística. Além disso, vale lembrar que os efeitos metafóricos, que se dão onde a língua se rompe, são um lugar bastante favorável à manifestação da história e da ideologia.

A AD propõe, diferentemente de outras teorias sobre o assunto, uma maneira de compreender a metáfora, em que é impossível destituí-la do que tem de social e de histórico. Há, nesse quadro, uma ressignificação do conceito de metáfora, pois como demonstramos com as análises, o que há são deslizamentos de sentidos promovidos nas relações interdiscursivas.

Nas manchetes, com a substituição do emprego isolado de palavras como “negro” e “preto” - consideradas marcadas ideologicamente -, pelo emprego da combinação dos vocábulos “negro” e “preto”, com a palavra “branco”, ou pelo uso de termos que designam outras cores, como “vermelho”, “azul”, “roxo”, “verde”, “amarelo”, “azul”, “bege” e “cinza” esperava-se obter um efeito de neutralidade - ou até mesmo de negação do preconceito contra a candidatura de um negro à presidência dos Estados Unidos -, em oposição à associação feita por muitos entre o emprego das palavras “negro” e “preto” e a prática de preconceito racial.

Desse modo, o emprego de “tricolor”, “azul e vermelho”, “preto-e-branco”, “negro e branco”, “azul no vermelho”, “cinza”, “verde”, “verde-amarelo”, “vermelho”, “preto, branco e bege”, “roxo” e “azul”, na produção das manchetes sobre as eleições presidenciais americanas, funcionam como marcas linguísticas que seus autores deixam no fio do discurso, passando a impressão de que, diante de nossos olhos, constroem-se sentidos completamente novos, sentidos sem história. No entanto, o que de fato ocorre é que a utilização da linguagem politicamente correta, aqui representada pelo uso de outras cores diferentes do “preto” e do “branco” para qualificar Barack Obama, por si só não garante que sejam deixados para trás, no passado, sentidos que vinculam tais palavras à presença do preconceito racial. Pelo contrário, é por meio dela, que percebemos a intersecção entre o acontecimento do presente e acontecimentos do passado, os quais têm seu retorno garantido sob o efeito da memória discursiva.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das ciências da linguagem**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1973.

EÔ, Eô, Obama é Tricolor !!! Disponível em <<http://botecofutebol.com.br/?p=472>>. Acesso em 15. dez. 2008.

FIORIN, José Luiz. A linguagem politicamente correta. **Linguasagem**, São Carlos, (s/d). Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/artigos_alinguagempoliticamentecorreta.htm>. Acesso em: 20 fev. 2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: _____. (Org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 95-105.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1956.

NA Flórida, Obama critica divisão dos EUA 'azul' e 'vermelho'. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/internacional/not_int271623,0.htm>. Acesso em: 05 jan. 2009.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: Gadet Françoise, Hak Tony. (Org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. **Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A língua inatingível: o discurso na história da lingüística**. Campinas: Pontes, 2004.

POSSENTI, S. Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Claraluz, 2006. p. 93-108.

PRETO, branco e bege. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup229670,0.htm>. Acesso em 20 dez. 2008.

ROXO é a cor da decisão eleitoral americana. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/opiniaio/caio_blinder/2008/10/22/roxo_e_a_cor_da_decisao_eleitoral_americana_2059733.html>. Acesso em 15 dez. 2008.

SARGENTINI, V. M. O. Arquivo e acontecimento: a construção do *corpus* discursivo em Análise do discurso. In: NAVARRO, Pedro (Org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Claraluz, 2006, p. 35-44.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística.** São Paulo: Contexto, 2004.

TUDO azul para Obama. Disponível em: <<http://colunas.g1.com.br/aovivo/2008/01>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

TEXTOS ANALISADOS

‘NÃO me prendo em preto-e-branco’. Disponível em: <http://www.afrobras.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=705&Itemid=2>. Acesso em 15 dez. 2008.

NEGRO e branco, brilhante e flexível, Obama revitaliza King. Disponível em: <<http://blogdofavre.ig.com.br/2008/04/negro-e-branco-brilhante-e-flexivel-obama-revitaliza-king/>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

NOS EUA, é azul no vermelho. Disponível em: <<http://angelodacia.blogspot.com/2008/08/nos-eua-azul-no-vermelho.html>>. Acesso em: 05 jan. 2009.

O CINZA de Obama. Disponível em: <<http://djuh-blogdodjuh.blogspot.com/2008/03/o-cinza-de-obama.html>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

O TIME verde de Obama. Disponível em: <http://blog.estadao.com.br/blog/vialli/?title=o_time_verde_de_obama&more=1&c=1&tb=1&pb=1>. Acesso em: 22 dez. 2008.

OBAMA ‘verde’. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/en/noticias?id=63352>> Acesso em: 20 dez. 2008.

OBAMA verde-amarelo. Disponível em: <http://www.spfw.com.br/noticia_det.php?c=2902> Acesso em: 20 dez. 2008.

OBAMA, o vermelho? Disponível em: <<http://opiniaoenoticia.com.br/interna.php?id=18906>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

Recebido em outubro de 2012.

Aprovado em dezembro de 2012.

SOBRE A AUTORA

ERISLANE RODRIGUES RIBEIRO é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia e graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás, atuando nos cursos de Letras - Português e Letras - Português e Inglês e no curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, tem experiência na área de Linguística, com ênfase nos estudos do texto e do discurso, pesquisando principalmente os seguintes temas: leitura e produção de textos, textos e discursos midiáticos, gêneros do discurso e ensino de língua portuguesa. Orienta alunos em nível de Graduação e Pós-graduação. É líder do GPEL - Grupo de Pesquisa em Escrita e Leitura, coordenadora da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura, Discurso e Mídia e membro do Grupo de Estudos da Linguagem: Análise, descrição e ensino.
e-mail: erislane@bol.com.br